

EMPRÉSTIMOS RECENTES DO PORTUGUÊS, VARIAÇÃO FONÉTICA E A SÍLABA NA LÍNGUA SÃOTOMENSE DA ILHA DE SÃO TOMÉ

Gabriel Antunes de Araujo¹
Universidade de São Paulo

Abstract

The aim of this article is to describe some aspects of the linguistic variation in Sãotomense, a Portuguese-based Creole spoken in São Tomé, based on Ferraz (1979), Graham & Graham (2004), and Araujo (2006). Ferraz (1979) described the phonological system of Sãotomense, however his description ignore any variation at any level. In this paper, we will show evidence that variation on the syllabic level is widespread. The growing influence European Portuguese through literacy is only one of the many issues as far as variation is concerned. We will also present a discussion on the phoneme borrowing, especially at coda position.

Keywords: Sãotomense, Portuguese-based Creole, São Tomé, phonology

Resumo

O objetivo deste artigo é descrever aspectos da variação fonética no crioulo sãotomense (CST) e relacionar essa variação com o atual sistema silábico da língua, baseado em Ferraz (1979), Graham & Graham (2004) e em Araujo (2006). Sugerirei que, atualmente, a estrutura silábica permite mais elementos em todas as posições do que aqueles descritos por Ferraz (1979: 26-28).

Ferraz (1979) descreve o sistema fonológico da língua sãotomense. Segundo Ferraz (1979), a sílaba no CST pode composta por uma vogal (v), por uma vogal e uma consoante (cv) ou por pela seqüência consoante-vogal-consoante (cvc). Na posição de coda, pode-se encontrar as consoantes fricativas pós-alveolares [ʃ] e [ʒ] e uma

¹ Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo apoio financeiro (Processo 2006/04130-2).

consoante nasal homorgânica à consoante seguinte. Tem-se, ainda, a possibilidade de um onset complexo, formado por dois ou três consoantes, sendo que c_1 deve ser [ʃ], c_2 pode ser [t] ou [k] e c_3 deve ser [l].

v	[a.li]	‘ar’
cv	[pa.ʔe.la]	‘parteira’
cvc	[ʔmɔf.ka]	‘mosca’
cvc	[diz.ʔgla.sa]	‘desgraça’
ccv	[fla.ʔkõ]	‘falcão’
ccvc	[ʔmlaf.ka]	‘máscara’
cccv	[ʔftlo.lo]	‘sereno’

Como pode ser observado nos exemplos, /R/ não ocorre no CST. Ferraz (1979: 37) menciona que é possível encontrar [r] em uma ou outra palavra, como em [ʔka.ru] ‘carro’ ou até mesmo em coda, como em [ʔar.tʃi]. Além disso, outros elementos, como por exemplo, [ʃ] e [r], antigamente impossíveis, também ocupam hoje a posição de onset e coda. Mostrarei que, nos últimos anos, devido ao aumento da influência do português, a realização da consoante R, outrora marginal, tornou-se difundida no CST.

direto	[dzi.ʔre.tu]	‘direito’
tribunal	[tli.ʔbu.naʔ]	‘tribunal’
liberdade	[li.beʔl.da.ʔdzi]	‘liberdade’

O texto está organizado da seguinte maneira: no item 1, há uma breve apresentação sobre a situação lingüística em São Tomé & Príncipe; em 2, há um esboço da fonologia do CST, baseado em Ferraz 1979; em 3, discuto a estrutura silábica e a variação fonética existente, descrevendo a ocorrência de elementos consonantais em todas as posições silábicas não mencionados por Ferraz (1979) nem pelos trabalhos nele baseados. Por fim, em 4, apresento duas hipóteses para essa variação.

1 Introdução

As ilhas de São Tomé & Príncipe estão localizadas na região do Golfo da Guiné, na costa ocidental da África. Descobertas pelos portugueses João de Santarém e Pedro Escobar, na segunda metade do século xv, teve sua colonização associada à produção de cana-de-açúcar e ao tráfico negreiro (Negreiros 1895). As ilhas de São Tomé & Príncipe formam a nação independente do mesmo nome, cuja população atual é de 193.413 habitantes (CIA Factbook 2006), sendo que cerca de 180 mil habitam a ilha de São Tomé e apenas 13 mil, a ilha do Príncipe. Grimes (1996) contém um cruzamento

dos dados populacionais com os lingüísticos, no qual aponta que há aproximadamente cerca de 70 mil falantes do CST, cinco mil do Angolar e menos de dois mil do Príncipe. Depois de dez anos, houve um aumento significativo da população das Ilhas, porém, pudemos observar que tem havido um aumento do número de cidadãos que falam apenas a língua portuguesa, sobretudo na Ilha de Príncipe e essa língua tem sofrido um declínio expressivo. Ademais, há uma tendência em direção a uma situação de bilingüismo com o Português em todas as ilhas. Ferraz (1979: 5) menciona que os crioulos são-tomense e principense desenvolveram-se nas ilhas durante um período estimado de oitenta anos. Deste então, esses crioulos têm servido como língua vernácula no país, embora o português seja a língua oficial do estado.

Além do português, são faladas nas ilhas de São Tomé & Príncipe outras línguas: o *Sãotomense* (ou *forro/lungwa santomé*), o *Angolar* e o *Principense* e ainda uma quinta língua, o *Tonga*. Na ilha de São Tomé são falados os crioulos de base portuguesa *Sãotomense* (Ferraz 1976, 1979), e o *Angolar* (Maurer 1995, Lorenzino 1998). Na ilha do Príncipe, é falado o crioulo *Principense* de base portuguesa, também conhecido como *Lun'gwiye* ou *Moncó* (Gunther 1973). A classificação da língua dos Tongas é incerta. Smith (1994: 349) afirma que pode ser um pidgin, enquanto Rougé (1991) e Baxter (2002) sugerem que se trata de um crioulo ou semicrioulo, respectivamente.

2 Fonologia do CST

Baseada em trabalho de campo original, a pesquisa de Ferraz (1979) é a primeira descrição científica de um crioulo de São Tomé, o *sãotomense*. Ferraz descreve a formação do CST e insere em sua discussão um levantamento dos crioulos da região do Golfo da Guiné. Oferece também dados históricos na formação do CST ao refazer o percurso etimológico das palavras de origem africana. Ferraz descreve a fonologia (páginas 19-57), a formação de palavras (57-60), a sintaxe (60-90), a etimologia africana no léxico (90-95) e a etimologia portuguesa sob a influência africana (97-106). O restante do livro é dedicado às conclusões e a um sumário. Ferraz também propõe uma ortografia para o CST, uma vez que, embora a língua tenha mais de quatrocentos anos, não existe uma ortografia unificada e nem mesmo uma ortografia oficial.

Há, 12 vogais e 21 consoantes fonológicas no CST (Ferraz 79: 20). Em comparação ao Português, as diferenças residem no quadro vocálico, pois no Português a existência de vogais nasais é controversa (cf. Câmara Jr 1970, Moraes & Wetzels 1992, Ferreira Netto 2001, entre outros), e na ausência da consoante da consoante /r/.

Vogais:				Consoantes:			
Orais		Nasais					
i	u	ĩ	ũ	p b	t d	tʃ dʒ	k g
ɛ	ɔ			m	n		ɲ
e	o	ẽ	õ	f v	s z	ʃ ʒ	
	a	ã		l ʎ			j
				w			

Tabela 1: quadro fonológico vocálico e consonantal

As consoantes oclusivas /b/ e /d/ realizam-se foneticamente como implisivas [ɸ] e [ɖ], exceto em onsets complexos. A consoante nasal alveolar /n/ realiza-se como [ŋ] precedendo as consoantes velares /k/ e /g/ e, alhures, como [n]. As consoantes /ɲ/ e /ʎ/ são raras e ocorrem somente em posições mediais na palavra. As consoantes fricativas /s/ e /ʃ/ e /z/ e /ʒ/, bem como as africadas /tʃ/ e /dʒ/ são fonologicamente opostas, porém, devido às regras de palatalização são neutralizadas, posto que /s/, /z/ e /tʃ/ realizam-se foneticamente como [ʃ], [ʒ] e [dʒ] diante das vogais posteriores [i] e [ĩ]. As consoantes /w/ e /j/ realizam-se como [w] e [j], respectivamente, nas posições marginais da sílaba.

Fone	Fonética	Ortografia	Glosa	Fone	Fonética	Ortografia	Glosa		
/p/	[p]	[pa'li]	pali	dar à luz	/ɸ/	[ʒ]	[maʒi]	maži	mas
/b/	[ɸ]	[ba'lili]	balili	barril	/tʃ/	[tʃ]	[mã'tʃa]	manca	saudação
/t/	[t]	[ta'dʒi]	taji	tarde	/dʒ/	[dʒ]	[mã'dʒa]	manja	madrinha
/d/	[ɖ]	[da'dʒi]	daji	idade	/m/	[m]	[mõ]	mõ	mão
/k/	[k]	[ka'su]	kansu	asma	/n/	[n]	[nõ]	nõ	nós
/g/	[g]	[ga'su]	gansu	gancho		[ŋ]	[ãŋ'ka]	anka	caranguejo
/f/	[f]	[fle'ga]	fléga	esfregar	/ɲ/	[ɲ]	[sõɲu]	soñu	sonho
/v/	[v]	[vle'ga]	vléga	envergar	/l/	[l]	[mo'le]	mole	morder
/s/	[s]	[ka'sa]	kasa	caçar	/ʎ/	[ʎ]	[ba'ʎa]	balha	embaralhar
/z/	[z]	[ka'za]	kaza	casar	/w/	[w]	[a'wa]	awa	água
/ʃ/	[ʃ]	[ma'ʃi]	maši	mais	/j/	[j]	[bu'ja]	buya	embrulhar

Tabela 2: Realização fonética.

As consoantes líquidas do Português, [r ɾ], são nativizadas como [l] em cst. No entanto, Ferraz (1979: 36) menciona que palavras de introdução recente (isto é, na década de 1970) já apresentavam realização das consoantes [r] e [ɾ], em onsets

complexos, como em **sub[r]ã'n'selu** ‘sobrancelhas’ e até mesmo em coda, como **¹a[r]ti** ‘arte’. Essas alterações podem estar ligadas à influência da escolarização universal em Português e ao aumento do bilingüismo Português-cst.

A descrição fonológica de Ferraz não especifica se o acento é ou não é previsível e limita-se a mencionar alterações contextuais na posição do acento de palavra, sobretudo nas palavras verbais. Ferraz (1979: 24-5) exclui o tom como elemento fonológico, embora mencione que o tom pode ocorrer como mecanismo de ênfase ou recurso estilístico.

3 Estrutura silábica, variação e empréstimo

No que diz respeito à estrutura silábica do cst, basicamente, são quatro as características marcantes: a preferência por sílabas cv, a limitação de codas a consoantes fricativas coronais [ʃ, ʒ] e a consoantes nasais homorgânicas, a possibilidade de onsets complexos com três consoantes (*c + c + líquida*) e a restrição a onsets complexos com duas consoantes (limitado ao cluster *c + líquida*), além da sílaba somente com núcleo:

v	[¹a.li]	‘ar’
cv	[¹su.lu]	‘sul’
cvc	[¹veʃ.pa]	‘vespa’
ccv	[¹pla.tu]	‘prato’
ccvc	[¹mlaʃ.ka]	‘máscara’
cccv	[¹ftla.da]	‘estrada’

A sílaba cv é a sílaba canônica no cst (Ferraz 1979: 26). No desenvolvimento histórico do cst, sílabas vc eram alteradas para v.cv, como em P ‘air’ > cst ‘ali’, ou sílabas cvc eram reduzidas para cv ou recebiam uma vogal epentética, como em P ‘sul’ > cst ‘sulu’, a fim de se evitar o padrão não-canônico.

A posição de coda no cst é restrita às consoantes fricativas pós-alveolares [ʃ] e [ʒ], como mostrado em (4a), ou uma consoante nasal homorgânica, [m], [n] [ŋ], como em (4b). No entanto, pelo fato de a consoante nasal sempre dividir seu ponto de articulação com a consoante seguinte, pode-se argumentar que se trata de um arqui-fonema nasal, que se realiza foneticamente como uma consoante nasal homorgânica com o ponto de articulação idêntico ao da consoante no onset da sílaba seguinte (cf. Câmara Jr 1970, para a mesma análise para o Português).

(4) Coda em CST:

a.	diš'tinu	[diʃ.'ti.nu]	‘destino’
	diž'graça	[diʒ.'gla.sa]	‘desgraça’
b.	'sumbu	[ʃum.bu]	‘chumbo’
	san'dalya	[san'dalja]	‘sandália’
	žin'ga	[ʒiŋ'ga]	‘movimentar’

Ferraz (1979: 36) menciona que palavras de introdução recente (isto é, na década de 1970) já apresentavam realização das consoantes [r] e [ɾ], em onsets complexos, como em *sub[ɾ]ã'n'selu* ‘sobrancelhas’ e até mesmo em coda, como *'a[ɾ]ti* ‘arte’. Nas duas últimas décadas, esta tendência parece ter se consolidado. Mane (2003: 32), embora afirme que se baseie na descrição de Ferraz, já menciona que há, no CST, o fonema /ɾ/. No entanto, Mane não oferece exemplos que contenham esse fonema.

No que diz respeito ao cluster *CONSOANTE + LÍQUIDA*, há a possibilidade do primeiro elemento consonantal ser uma consoante nasal como em **mlago** [ʃmla.go] ‘magro’. Ferraz também menciona que a sílaba como onset complexo também pode ter sua coda preenchida, gerando o padrão CCVC:

(5)	mlaška	[ʃmlaʃ.ka]	‘máscara’
-----	---------------	------------	-----------

Em Graham & Graham (2004), baseados em trabalho de campo, há duas listas de palavras com dados do CST, gravados em 1997. As listas referem-se a dois informantes, ST1² e ST2³. De forma interessante, há variação nos dois registros e, além disso, em ambos, há ocorrências de realizações fonéticas e de estruturas silábicas não detalhadas por Ferraz.

CST (Graham & Graham 2004)

	st1	st2	Glosa
(6) a.	ʃmalū	ma'ridu	‘marido’
b.	ma'derə	ma'dela	‘madeira’
(7) a.	ʔi'driɣu	ʔi'digu	‘fumaça’
b.	ɕu'mini	dro'mini	‘dormir’
(8) a.	ʔal'deja	ʔadija	‘aldeia’
b.	ʔawa ʔg.lanʒi	ʔawa	‘rio’
c.	ʃkɫaba	ʃi'mija	‘cultivar’

2. O informante ST1 é um secretário administrativo, nascido na localidade de Água Branca e que estudou por mais de cinco anos.

3. O informante ST2 é uma professora, nascida na localidade de Trindade e que estudou por mais de doze anos.

(9)	a.	'kabJa	'kabJa	'cabra'
	b.	'kɔbJo	'kɔbJo	'cobra'
	c.	'ʃifli	ko'neta	'chifre'
	d.	'qɫɔsõ	'kɔsõ	'coração'
	e.	'vJeme	'vJeme	'verme'
	f.	'pJetu	'pJetu	'preto'
	g.	'bJaŋku	'bJaŋku	'branco'
	h.	'sopJa	'sopJa	'sopro'
	i.	'fJa	'fJa	'falar'
	j.	'bJoka	'bJoka	'despejar'
	k.	'k ^w aqtu	'k ^w atJu	'quatro'
(10)	a.	'qɫɔŋqɫɔ	'kɫɔŋko	'pescoço'
	b.	'kaʃka	kaʃjka	'casca'

Em (6), há a variação entre [l] e [ɾ] na posição de onset. Nos exemplos em (7), por sua vez, ocorrem como segundo elemento do onset complexo um tepe alveolar tanto na posição tônica, como na átona. Nos exemplos em (8), tem-se uma consoante oclusiva glotal na posição de onset, como em [ʔaɫdeja]. Isso sugere a sílaba não pode ser formada exclusivamente por um núcleo vocálico. Ademais, isso reforça a idéia geral segundo a qual a sílaba ideal no CST é cv. Ainda no exemplo [ʔaɫdeja], há uma consoante alveolar lateral ocupando a coda da sílaba. Nos exemplos em (9), a consoante alveolar aproximante [ɹ] funciona de forma regular nas duas variantes como segundo elemento de onset complexo. Sua variação com a consoante alveolar fricativa lateral [ɭ] em apenas um exemplo, (9)k, ST1 ['k^waqtu] e ST2 ['k^watJu], mostra que essa consoante é estável. Por fim, tem-se em (10)a, uma consoante na coda que não é assimilada pela consoante seguinte. Em (10)b, por sua vez, há uma variação interessante, pois não se trata de uma epêntese que impede que a consoante [ʃ] fique na coda, pois sílabas formadas por epêntese não podem ser acentuadas. O exemplo (10)b sugere que há duas variantes que vão além da simples divergência na forma fonética.

A variação apontada por Graham & Graham (2004) também ocorre em Araújo (2006), que trabalha com empréstimos do Português no CST. Os empréstimos são comumente introduzidos na língua 'alvo' (L2) por falantes nativos que têm acesso à língua 'emprestadora' (L1). A nativização ou adaptação dos empréstimos de L1 em L2 são regidas por padrões fonológicos de L2, padrões impostos pelos falantes de L2: empréstimo: uma palavra simples ou composta, ou uma sentença oriunda de L2, incorporada ao discurso de L1 (Paradis & Label 1994).

(11) a.	direto ⁴	[dʒi.ˈre.tu]	‘direito’
	madera	[ma.ˈde.ra]	‘madeira’
	segurança	[se.gu.ˈrã.sa]	‘segurança’
b.	opressón	[ˈo.pɫe.ˈsõ]	‘opressão’
	proteçón	[pɫe.ˈsõ]	‘proteção’
	democracia	[de.mõ.kɫa.ˈsi.ja]	‘democracia’
c.	liberdade	[li.be.l.da.ˈdʒi]	‘liberdade’
d.	religión	[re.li.ˈgjø]	‘religião’
e.	igual	[ˈi.gˈwaɫ]	‘igual’
	universal	[ˈu.nive.l.ˈsaɫ]	‘universal’
	pessoal	[pɛ.su.ˈ?aɫ]	‘pessoal’
f.	lei	[ˈleɪ]	‘lei’

Os dados em (11)a mostram que a consoante [r] ou [ɾ] está em variação livre com /l/ e ocorre tanto na posição tônica como na átona. No entanto, ainda não há evidências para se defender que se trata de um fonema, ou seja, não há oposição significativa entre [l] e [r]. Em (11)b-c, os dados sugerem que a consoante alveolar aproximante [ɻ], inexistente na descrição de Ferraz, ocorre tanto na posição de coda como segundo elemento de onset complexo. Historicamente, a consoante /r/ do Português era transformada em [l] no CST e, comumente, sofria metátese ou era apagada, como em ‘herdar’ [eɾˈdaɾ] > *[eɫˈda_] > [eɫˈda]. O exemplo em (11)d mostra, por sua vez, a consoante [r] na posição de onset inicial. Historicamente, no Português para o CST, esta consoante era alterada para [l], como em p ‘rato’ > CST [ˈlatu]. Já (11)e mostra a consoante [ʃ] na coda. Nesses exemplos, não ocorre metátese. No entanto, historicamente, a consoante [ʃ] na coda sofria metátese, como em p ‘pulmão’ > *[pulˈmõ] > CST [pluˈmõ]. Por fim, (11)f mostra que a antiga regra *ei* > *ɛ*, *e* não foi aplicada, pois a forma esperada seria [ˈleɪ].

Os exemplos (6)-(11) possuem estruturas silábicas não totalmente abarcadas pela proposta de Ferraz (1979). Tanto Graham & Graham (2004) como Araujo (2006) não documentaram a ocorrência de sílabas formadas por apenas uma vogal. Em ambos os trabalhos, a sílaba mínima formada (cv) inclui uma consoante oclusiva glotal epentética. Dessa forma, onde Ferraz transcreve uma sílaba formada exclusivamente por vogal (v), Graham & Graham (2004) e Araujo (2006) transcrevem a mesma palavra como cv (12). Ferraz (1979: 26) já afirmara que o padrão cv, o qual é chamado de *canonical*, é o mais importante no CST. Além disso, na página 28, Ferraz menciona que a influência das línguas Bani e Bantu no CST pode ser observada na tendência deste em preferir palavras dissilábicas com duas sílabas cv. Ademais, Ferraz menciona que a

4 Nesse caso, a palavra *direto* refere-se ao termo jurídico, em Português, ‘direito’. Ferraz (1979: 31) menciona que a palavra portuguesa direito (correto) resultou, no CST, na forma [ˈgɫetu].

sílaba com vogal inicial é sempre acentuada. As palavras com sílaba inicial *v* são, em sua maioria, *substantivos* e há algumas palavras funcionais, mas sem nenhuma delas é da categoria *verbo*.

<i>Ferraz</i>	<i>G & G</i>	<i>Araujo</i>	<i>Glosa</i>
'awa	'awa	'awa	'água'
'ɔ.sɔ	'ɔ.sɔ/'ɔ.sɔ	'ɔ.sɔ	'osso'
'ɔvu	'ɔvu/'ɔvu	'ɔvu	'ovo'

No que diz respeito a sílabas formadas por apenas um vogal no meio de palavra, os dados variam nos três trabalhos, como mostrado em (13). Pode haver sílaba no meio da palavra formada apenas por uma vogal tanto para Ferraz, (13)a e (13)b, como para Graham & Graham, como em (13)c e (13)d. Para Araujo, não há sílabas *v* no meio da palavra, pois há a epêntese de uma consoante oclusiva ou apagamento da sílaba *v*.

(13)	<i>Ferraz</i>	<i>G & G</i>	<i>Araujo</i>	<i>Glosa</i>
	i.'o	?	'i.'o	'ilhota/ilha'
	ũ.a	'ũ.wã/'ũ.wã	'ũ.wa	'um'
	nga'lja	'ga.ɫja/'ga.ɫja	'ga.lja	'galinha'
	?	sa.ɫja/sa.ɫja	sa'ja	'puxar'

Algumas variantes do CST atual permitem outras consoantes na posição de coda, a saber, variantes de /r/ e de /l/. As variantes de /r/ incluem [ɾ], [ɽ] e [r], enquanto que as variantes de /l/ incluem [l] e [ɭ], conforme documentado por Graham & Graham (2004) e Araujo (2006), e descrito nos itens (8), (10) e (11).

No CST (Ferraz 1979: 26), a posição de onset pode ser ocupada por qualquer consoante (onset simples); e por uma combinação de onsets complexos (14), sendo que o primeiro elemento pode ser qualquer consoante oclusiva ou **m**. Ferraz também menciona que na seqüência c_1c_2 , c_1 pode ser uma nasal homorgânica, como em *nd*, *ɲg*, *ndʒ* ou ainda **my** [mj] ou **ny** [nj]. Não se pode considerar estas seqüências de consoante nasal com consoante oral como um onset complexo, pois o que se tem é uma única consoante composta por duas fases, uma nasal e outra oral (cf. Anderson 1974). A labialização, (14)b, e a palatalização, (14)d, também não precisam ser consideradas como onsets complexos.

- (14) c_1c_2 , onde c_2 pode ser /l/, /w/ ou /y/:
- fy, vy, my, ny, ly*
 - bw, kw, nw, mw*
 - ml*
 - tl, dl, fl, vl, pl, bl, kl, gl*

Graham & Graham (2004) e Araujo (2006) afirmam que a consoante [l] pode ocupar o lugar de [l] como segundo elemento do onset complexo, cf. (9)a e (10)b, gerando os onsets complexos *tl, dl, fl, vl, pl, bl, kl* e *gl*. Além disso, no CST, segundo Graham & Graham (2006), a consoante [q] pode também ocupar a primeira posição do onset complexo, como em [k^waqɫu] ‘quatro’.

(15)

<i>tr</i>	kuatru	[k ^w aqɫu]/[k ^w atɫu]	‘quatro’
<i>dr</i>	idrigu/idigu	[ʔi ^d ɾigu]/[ʔi ^d igu]	‘fumaça’
<i>pr</i>	opressón	[ʔo.pɾe ^s õ]	‘opressão’
<i>br</i>	kabra	[k ^h abɾa]	‘cabra’
<i>fr</i>	šifri	[ʃifɾi]	‘chifre’
<i>vr</i>	vreme	[vɾeme]	‘verme’
<i>kr</i>	democracia	[de.mɔ.kɾa. ^s i.ja]	‘democracia’
<i>kl</i>	klaba	[kɾaba]	‘cultivar’
<i>gr</i>	awa ngrandi	[ʔawa ^h gɾanzi]	‘rio’

Além do onset complexo c_1c_2 , Ferraz descreve a ocorrência de um onset super-complexo formado por $c_1c_2c_3$, onde c_1 é a consoante fricativa [ʃ], c_2 pode ser a consoante [k] ou [t] e c_3 deve ser a consoante [l].

škle^hve	[ʃkle ^h ve]	‘escrever’
štlada	[ʃtlada]	‘estrada’

Por ser raro, este padrão não foi documentado por Araujo (2006) e nem aparece nos dados de Graham & Graham (2004).

4 Conclusão

Os dados e as análises acima sugerem que há uma variação no CST. É necessário investigar o alcance dessa variação na população e verificar a possibilidade de correlacioná-la a algum fator social. Todas as línguas do mundo apresentam variação

lingüística e, com o CST, não poderia ser diferente. Muitas vezes, a variação decorre de diferenças diastráticas e diatópicas (cf. Preti 1994). Além disso, muitas vezes as línguas crioulas coexistem com suas línguas lexificadoras resultando no chamado *continuum* crioulo (de Rooij 1994: 53).

Dessa forma, é possível que, graças à escolarização um determinado grupo tenda a usar uma variante do crioulo mais próxima à língua lexificadora. Além disso, o processo de descolonização promoveu a escolarização na língua oficial, no caso de São Tomé & Príncipe, o Português (cf. Appel & Verhoeven 1994). Esse convívio freqüente do CST com o Português promove um bilingüismo e a interferência natural de um sistema lingüístico no outro. Mesmo assim, a variação pode ser descrita como um traço interno do sistema. Portanto, este texto pretendeu chamar a atenção para a questão da variação lingüística no CST e lançar idéias para pesquisas futuras.

Referências

- Appel, René & Ludo Verhoeven. 1994. Decolonization, language planning and education. In Arends, Jacques et alii. 1994. *Pidgins and Creoles: an introduction*, 65-74. Amsterdam: John Benjamins.
- Araujo, Gabriel. 2006. As línguas de São Tomé & Príncipe. USP, Inédito.
- Baxter, Alan. 2002. Semicreolization? The restructured Portuguese of the Tongas of São Tomé, a consequence of L1 acquisition in a special contact situation. *Journal of Portuguese Linguistics* 1: 7-39.
- Camara Jr. Joaquim Mattoso. 1970. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes.
- CIA Factbook. (2006). *CIA: The World Factbook*. Disponível em <https://www.cia.gov/cia/publications/factbook/index.html>
- Ferraz, Luiz. 1976. A origem e o desenvolvimento de quatro crioulos portugueses do Golfo da Guiné. *Revista Brasileira de Lingüística* 3 (2): 70-76.
- Ferraz, Luiz. 1979. *The Creole of São Tomé*. Johannesburg: Witwatersrand University Press.
- Ferreira Netto, Waldemar. 2001. *Introdução à fonologia da língua portuguesa*. São Paulo: Hedra.
- Gerardo, Lorenzino. 1998. *The Angolar Creole Portuguese of São Tomé: its grammar and sociolinguistic history*. Munique: LINCOM Europa.
- Gordon, Raymond G., Jr. (ed.), 2005. *Ethnologue: Languages of the World*, Fifteenth edition. Dallas, Tex.: SIL International. Disponível em: <http://www.ethnologue.com>

- Graham, Steve & Trina Graham. 2004. *West Africa lusolexed creoles word list file documentation*. SIL Electronic Survey Reports 2004-012. 24, 20p. Disponível em <http://www.sil.org/silesr/abstract.asp?ref=2004-012>
- Grimes, Barbara. 1996. *Ethnologue: Languages of the World*. Dallas: Wycliffe Bible Translators.
- Günther, Wilfried. 1973. *Das portugiesische Kreolisch der Ilha do Príncipe*. Marburg an der Lahn: Im Selbstverlag.
- Mane, Djiby. 2003. Estudo comparativo dos crioulos portugueses do Golfo da Guiné: o são-tomense, o angolano, principense e o anobonês. *Papia 13*: 31-36.
- Maurer, Philippe. 1995. *L'Angolar: Un créole afro-portugais parlé à São Tomé; Notes de grammaire, textes, vocabulaires*. Hamburg: Helmut Buske Verlag.
- Moraes João António & Leo Wetzels. 1992. Sobre a Duração dos Segmentos Vocálicos Nasais e Nasalizados em Português. Um Exercício de Fonologia Experimental. *Cadernos de Estudos Lingüísticos 23*: 153-166.
- Negreiros, António de Almada. 1895. *História Ethnográfica da Ilha de São Tomé*. Lisboa.
- Preti, Dino. 1994. *Sociolingüística, os níveis da fala*. São Paulo: EDUSP.
- de Rooij, Vincent. Variation. In Arends, Jacques et alii. 1994. *Pidgins and Creoles: an introduction*, 53-64. Amsterdam: John Benjamins.
- Rougé, Jean-Louis. 1991. Les langues des Tonga. In: Andrade, Ernesto d' & Alain Kihm. 1991. *Actas do Colóquio sobre Crioulos de base lexical portuguesa*, p. 171-176. Lisboa: Colibri.
- Smith, Norval. 1994. An annotated list of creoles, pidgins, and mixed languages. . In Arends, Jacques et alii. 1994. *Pidgins and Creoles: an introduction*, 331-374. Amsterdam: John Benjamins.